

Editorial

Winnicott e a filosofia

Donald Woods Winnicott (1896-1971) é um psicanalista e teórico da psicanálise peculiar. Não há, na psicanálise de um modo geral ou na história da psicanálise, quem coloque em questão o fato de que sua clínica e seu trabalho teórico inserem-se no escopo da psicanálise, da clínica psicanalítica e do saber psicanalítico – como se faz, por exemplo, com Jung, mesmo esse tendo sido, um dia, um psicanalista da predileção de Freud e presidente da International Psychoanalysis Association (IPA), ou com Reich, autores de origem psicanalítica, mas que, é verdade, terminaram por fundar outras escolas psicoterapêuticas. No entanto, parece inegável que tanto a clínica winnicottiana, que se alinharia à de Sándor Ferenczi, quanto, e ainda mais claramente, sua teoria psicanalítica, inauguram um novo paradigma em psicanálise.

As contribuições de Winnicott para a teoria psicanalítica, no que diz respeito à compreensão do psiquismo humano e seu funcionamento, e do que seja tratá-lo psicanaliticamente, imprimem modificações profundas, que renovam os alicerces da psicanálise. Mas como permanece sendo “psicanálise” uma teoria da clínica e uma metapsicologia que retraça tão profundamente os fundamentos desse saber?

A resposta talvez possa ser encontrada em Freud ou em uma ideia corrente na história da psicanálise, segundo a qual “a psicanálise não é uma filosofia”. Freud o dissera, particularmente, em sua conferência “Ansiedade e vida pulsional”, de 1932 (*Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise*, 32ª conferência), quando distinguia para seu público a psicanálise da filosofia de Schopenhauer, que tanto o influenciara; e poderia tê-lo feito igualmente em relação a Platão, no que diz respeito à concepção freudiana e lacaniana do amor ou do desejo como falta; ou de Kant, em quem Freud encontrara apoio para sua teoria do superego. Contudo, precisamente por não ser uma filosofia, a psicanálise não se *funde* com *essa ou aquela* filosofia (deste ou daquele filósofo, ou de uma maneira geral). Por esse motivo, um autor como Winnicott – diferentemente de Freud, que expressa o romantismo e o cientificismo de sua época, ou de Lacan, que expressa o estruturalismo de sua época – permanecendo na “psicanálise”, não se inspira em Hegel, Schopenhauer, Kant, Platão ou em qualquer outra filosofia de cunho metafísico, mas, espontaneamente, expressa forte afinidade com bases filosóficas da imanência. Daí dizer-se que inaugura na psicanálise um novo paradigma: sua teoria da clínica é inequivocamente psicanalítica, buscando uma compreensão dos

mecanismos inconscientes do psiquismo; mas sua base inerentemente filosófica e sua metapsicologia afastam-se das premissas metafísicas da psicanálise de Freud e Lacan, inserindo a psicanálise na imanência.

É ainda notável que Winnicott não inaugura um novo paradigma contrapondo-se propriamente ao anterior. Winnicott não busca em seus textos derrubar teorias anteriores, não as contesta diretamente, não deseja conquistar adeptos para uma doutrina. Procura apenas expressar o que vê e compreende em sua clínica, na qual observa bebês e pacientes neuróticos e psicóticos. Através dessa expressão, acabou por construir uma teoria que traz em seu bojo uma compreensão original do que seja o psiquismo humano, a mente, o corpo, a relação entre mente e corpo, os mecanismos de defesa psíquica, a gênese do que costumamos chamar de bem e mal, da moral, da metafísica. Suas bases são, de fato, filosóficas por si só, sem nenhuma adesão a filósofos ou a teorias. Toda sua especulação teórica se faz, originariamente, pensando como livre pensador a sua clínica, e buscando originariamente responder às questões que dela a ele se impõem. A única discordância explícita de Winnicott em relação a Freud e Lacan consiste em não considerar a pulsão de morte como uma pulsão originária – mas, sem dúvida, essa única oposição basta para marcar fundamentalmente a posição da imanência, e, por conseguinte, para erguer uma inteiramente outra compreensão dos demais pontos da teoria psicanalítica em seus aspectos filosóficos e metapsicológicos. Trata-se de um autor para o nosso tempo.

Winnicott e a filosofia, título do dossiê deste número temático da *Revista Trágica*, indica, assim, tanto *Winnicott e sua própria filosofia*, implícita em sua teoria psicanalítica; sua relevância e novidade paradigmática no campo da psicanálise e da própria história da filosofia como um importante e seminal pensador da imanência; como também *Winnicott e sua filosofia em diálogo com* outros filósofos e pensadores. As contribuições da teoria winnicottiana para a história do pensamento são inegáveis e nos provocam a que sejam mais e mais estudadas, aprofundadas e desenvolvidas.

Neste número temático, temos o prazer de publicar oito instigantes estudos sobre o tema. Carlos Alberto Plastino (UERJ e PUC-Rio), em uma análise aprofundada e consistente, entende a psicanálise como uma teoria e um saber clínico que abala “a ordem lógica e ontológica da sociedade” (nos termos de Castoriadis) – sendo que em Freud essa novidade clínica da psicanálise permaneceu em sua teoria metapsicológica subordinada à Modernidade; enquanto que em Winnicott “os postulados ontológicos, antropológicos e epistemológicos” da filosofia moderna foram abalados. Eder Soares

Santos (UEL), por sua vez, sublinha o quanto a “mudança paradigmática” que Winnicott opera na psicanálise traz em seu bojo questionamentos sobre pontos centrais da filosofia nos campos da ontologia, da epistemologia e da moral. Hélia Borges (Fac. de Dança Angel Vianna) dialoga com Deliny, a fim de demonstrar que a teoria da clínica winnicottiana, a partir da importância atribuída ao ambiente para a expressão da potência própria ao indivíduo, desconstrói as bases filosóficas e clínicas que pretenderam, ao longo da história da filosofia e da psicanálise, legitimar práticas de assujeitamento. Beatriz Gang Mizrahi (PUC-Rio) aproxima Foucault e Winnicott. O biopoder denunciado por Foucault é exercido a partir de uma concepção que opõe incontornavelmente indivíduo e sociedade, antagonismo que a psicanálise corroborou a partir de sua hipótese da pulsão de morte. Contrário a essa hipótese, Winnicott concebe uma vitalidade criativa, que precisa não de uma repressão ou de um controle pulsional, mas de uma ética, próxima da ética do cuidado proposta por Foucault e reconhecida por este nas relações de amizade.

Os três artigos seguintes relacionam a teoria de Winnicott com a filosofia de Spinoza. Carlos Augusto Peixoto Jr. (PUC-Rio) enfatiza os conceitos spinozianos de *conatus* e potência, relacionando-os à união de corpo e mente, para enfatizar o papel central dos afetos em Spinoza, em consonância com a teoria imanentista de Winnicott, que tem como base a ideia da continuidade do ser, do psique-soma, da integração e da personalização. André Martins (UFRJ), por sua vez, vê proximidades entre as contribuições desses dois pensadores da imanência ao ponto de se poder dizer, parafraseando Deleuze, que há entre eles uma “grande identidade”, aferida, por exemplo, nas respectivas concepções de união do corpo e da mente; na constatação de uma potência ou força vital; nas ideias de um agir ativo e um agir passivo em relação às de uma expressão verdadeira e uma expressão falsa do *self*; e no processo defensivo de dissociação entre a ideia do corpo e a ideia da ideia, tal como no *splitting*. Alejandra Padilla (UFF), enfim, associa o ser criativo e o verdadeiro *self* em Winnicott aos afetos ativos e ao ser ativo em Spinoza, assim como o falso *self* aos afetos passivos, sendo ambos estratégias do *conatus* para perseverar na existência. Fechando a seção de artigos, o uso que Axel Honneth faz, em sua teoria crítica, da teoria winnicottiana do uso do objeto é analisada por Josilene Schimiti e Charles Feldhaus (UEL), relacionando a importância do reconhecimento recíproco apontada por Winnicott no interior dos arranjos familiares, à democracia, na qual o reconhecimento recíproco é fundamental para o *ethos* social.

Na seção de traduções, Miguel Barrenechea (UniRio) trouxe do espanhol para a língua portuguesa o artigo de Frank Rico (UBA), que associa a teoria do espaço transicional de Winnicott com a teoria dos agenciamentos maquínicos e do rizoma de Deleuze e Guatarri. Na seção de resenhas, por fim, Luiz Henrique Lessa (UVA) apresenta e analisa o livro “A gramática do silêncio em Winnicott”, de Sérgio Gomes (UFRJ), apontando as relações entre natureza e cultura em Winnicott e suas implicações ontológicas e éticas a partir da concepção, uso e interpretação clínica do silêncio.

Esperamos que o dossiê *Winnicott e a filosofia* possa ser uma contribuição para os estudos da rica obra desse grande autor da psicanálise no campo da filosofia.

Desejamos a todos uma ótima leitura.

Os Editores